

A FELICIDADE (NECESSÁRIA) NO/DO RIO DE JANEIRO:

A PRODUÇÃO DE IMAGINÁRIOS SOBRE O ESPAÇO URBANO E SOBRE O SUJEITO CARIOCA

Bethania Mariani
Fernanda Luzia Lunkes

RESUMEN. Este estudio analiza, desde la perspectiva del Análisis del Discurso francés (Pêcheux 1969 y 1975), los procesos de producción de sentido en la formulación y divulgación de dos investigaciones sobre la felicidad en la ciudad de Río de Janeiro: la primera publicada en 2009 en la revista *Forbes*, mientras que la segunda fue realizada en 2013 por el diario *O Globo*. Para construir el corpus discursivo, seleccionamos secuencias discursivas de dos artículos del sitio *GI* y un artículo de la versión digital del diario *O Globo*. En esta reflexión teórica y analítica problematizamos algunos puntos centrales: ¿qué está silenciado (Orlandi 2002) en los discursos que divulgan resultados estadísticos y presentan Río de Janeiro como la ciudad más feliz del mundo?, ¿qué imágenes discursivas de la felicidad y del espacio urbano permiten este proceso de significación?, ¿cuáles son las condiciones de producción que permitieron la cuantificación de la felicidad y, en consecuencia, una formulación que se relaciona con un espacio urbano para el adjetivo “feliz”? Estas preguntas permiten entender la relación entre la felicidad y el espacio urbano en un proceso de producción de marcas en el discurso, promoviendo una memoria idealizada y una asociación entre la felicidad y el consumo.

Palabras clave: Análisis del Discurso, discurso periodístico, discurso urbano, felicidad, sujeto y consumo, memoria.

ABSTRACT. This study aims to analyze, from the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis (Pecheux 1969 and 1975), the process of production of meaning in the formulation and dissemination to two surveys about happiness in the city of Rio de Janeiro. The first, 2009, conducted by *Forbes* magazine, and the second survey, 2013, by the newspaper *O Globo*. Our discursive corpus was prepared by discursive sequences extracted from two articles materials from the site of two *GI* and one article of the *online* version of the newspaper *O Globo*. The course theoretical and analytical this research mobilized some questions: What is silenced (Orlandi 2002) in discourses that disseminate research results which pointing Rio de Janeiro as the happiest city in the world? Which discursive images of happiness and urban space justified this process of signification? What are the conditions of production that allowed quantification of happiness and, consequently, a formulation that relates an urban space with adjective “happy”? These questions allowed us to understand different functionings which enables the relation between happiness and urban space in a process of production of discursive evidence which appears in a memory idealized and an association between happiness and consumption.

Keywords: Discourse Analysis, journalistic discourse, urban discourse, happiness, subject and consumption, memory.



Signo y Señá, número 24, diciembre de 2013, pp. 35-55

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

RESUMO. Este estudo objetiva analisar, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (Pêcheux 1969 e 1975) os processos de produção de sentidos na formulação e na divulgação de duas pesquisas sobre a felicidade na cidade do Rio de Janeiro: a primeira, de 2009, realizada pela revista *Forbes*, e a segunda, de 2013, pelo jornal *O Globo*. O dispositivo de análise, visando à construção do corpus da pesquisa, centrou-se no recorte de sequências discursivas de duas matérias do site *GI* e de uma matéria da versão *online* do jornal *O Globo*. Neste percurso teórico-analítico, mobilizamos algumas questões: O que é silenciado (Orlandi 2002) nos discursos que divulgam resultados de pesquisas e que apontam o Rio de Janeiro como a cidade mais feliz do mundo? Quais as imagens discursivas em jogo de felicidade e de espaço urbano que sustentam este processo de significação? Quais as condições de produção que possibilitaram uma quantificação da felicidade e, em consequência, uma formulação que relaciona um espaço urbano ao adjetivo “feliz”? Estas questões permitem compreender o funcionamento que possibilita a relação entre felicidade e espaço urbano em um processo de produção de evidências, em que comparece uma memória idealizada e uma associação entre felicidade e consumo.

Palavras-chave: Análise do Discurso, discurso jornalístico, discurso urbano, felicidade, sujeito e consumo, memória.

- Sorrisos, creme dental e tudo,
mas por que é que a felicidade anda me bombardeando? [...]
- É pra saber que ninguém mais tem o direito de ser infeliz [...]
(Tom Zé¹)

Eu estava no país do sorriso obrigatório, mas tinha esquecido como sorrir.
("O Corte"²)

1. CONSIDERAÇÕES DISCURSIVAS INICIAIS. Em 2009, a revista americana *Forbes* divulgou os resultados de uma pesquisa realizada com dez mil pessoas em mais de 20 países. Nessa pesquisa, amplamente divulgada pela mídia brasileira, o Rio de Janeiro foi eleita a cidade mais feliz do mundo. Em 2013, o jornal *O Globo* publicou resultados de outra pesquisa, realizada por agências nacionais especialmente para o jornal. Nela, 75% dos moradores do Rio de Janeiro a consideraram uma cidade feliz.

As pesquisas têm comparecido na mídia enquanto dados evidentes e incontestáveis sobre algum fato que precisa ser divulgado. As pesquisas, deste modo, têm um funcionamento pedagógico no discurso jornalístico (Mariani 1998). Os números não mentem: esse enunciado dá sustentação imaginária à produção de evidências na mídia. Essas pesquisas quantitati-

1 Fragmento da música “Dodó e Zezé” (“Todos os olhos”, São Paulo: Continental, 1973).

2 Fragmento do filme “O Corte” (Direção de Costa-Gavras, França, 2004).

vas têm permitido que a didatização das quantificações circule à exaustão no discurso midiático, expondo uma suposta verdade dos fatos e o que mais os números puderem comprovar. As soluções ou problemas que tais dados estatísticos trazem como posto, porém, devem ser deslocados do terreno das evidências para o de sua inscrição na historicidade, como forma de permitir ao analista de discurso compreender tanto o gesto de interpretação posto nessas estatísticas didatizantes, quanto os efeitos de sentido que elas produzem. Em outras palavras, para compreender a forma como certas notícias jornalísticas baseadas em estatísticas são tematizadas, como estão sendo construídas como evidências, e como elas funcionam discursivamente, algumas questões entram como ponto de partida para a construção do dispositivo de análise dessas pesquisas. O que fica silenciado (Orlandi 2002) nos discursos que divulgam resultados de pesquisas que apontam o Rio de Janeiro como a cidade mais feliz do mundo? Quais as imagens de felicidade e de espaço urbano que sustentam estes dizeres? Quais as condições de produção que possibilitaram uma quantificação da felicidade e, em consequência, uma formulação que relaciona um espaço urbano ao adjetivo “feliz”?

2. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: O ESPAÇO URBANO NO SÉCULO XXI. Relacionar um espaço urbano ao termo “felicidade”, que ao longo da história vinha sendo associado a uma questão subjetiva, não é sem consequências para a ordem do discurso. Nessa produção de evidências que torna possível (necessário?) relacionar felicidade ao espaço urbano Rio de Janeiro, há uma memória sendo mobilizada e que contribui para a construção de um imaginário sobre a felicidade na relação com o espaço urbano Rio de Janeiro e com o sujeito que compõe este espaço. Situar alguns vestígios do imaginário posto em funcionamento nestes processos de textualização é o objetivo principal deste trabalho, que se inscreve na perspectiva da Análise de Discurso francesa. Imaginário que neste estudo funciona enquanto lugar que o sujeito atribui a si e ao outro, estabelecendo “as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representação dessas posições)” (Pêcheux 1997 [1969], 82). Longe de ser uma questão que tem origem no sujeito enquanto ato criativo, o imaginário se relaciona à ideologia, este mecanismo “através do qual coloca-se para o sujeito, conforme as posições sociais que ocupa, um dizer já dado, um sentido que lhe aparece como evidente” (Mariani 1998, 25). Em decorrência desse atravessa-

mento ideológico, e consoante à conceituação de Pêcheux, Mariani (1998) afirma:

O sujeito se imagina uno, fonte do dizer e senhor de sua língua; do mesmo modo, parece-lhe normal ocupar a posição social em que se encontra. O funcionamento ideológico provoca as ilusões descritas: apaga-se para o sujeito o fato de ele entrar nessas práticas histórico-discursivas já existentes (Mariani 1998, 25).

Compreendemos que são distintas as projeções imaginárias em funcionamento nas duas pesquisas. Na primeira, de 2009, o que está em jogo é a imagem de outros países sobre o Rio de Janeiro e sobre o sujeito-cidadão-carioca para que se possa falar sobre eles. Pêcheux (1997 [1969]) explica que há uma questão implícita, resumida como “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. O autor esquematiza essa relação imaginária com a fórmula *IA (B)*. Já na pesquisa do *Globo*, de 2013, é a imagem que o carioca faz de sua posição como morador da cidade, e do espaço que habita, o que lhe permite dizer que o Rio é uma cidade feliz. Neste caso, consoante Pêcheux (1997 [1969]), a questão implícita é outra: “Quem sou eu para lhe falar assim?” e cuja síntese é *IA (B)*.

Essa tomada de posição em relação ao imaginário e à ideologia implica em considerarmos o termo “felicidade” em sua opacidade, cujos sentidos se mobilizam em diferentes direções, não porque ocorram de maneira caótica ou espontânea, mas porque são afetadas pela ordem do político. O político, para a Análise de Discurso, aponta justamente para a divisão dos sentidos, sendo que tais direções não estão alheias às determinações sociais (Orlandi 1998).

É, pois, da ordem do político que o termo “felicidade” seja insistentemente colocado na contemporaneidade³; é político o seu comparecimento e sua circulação em práticas discursivas de diferentes campos de conhecimento, como na saúde⁴ e na economia.

3 Em outro artigo (Mariani e Magalhães 2011), Mariani discute essa injunção ao “ser feliz” produzida como evidência na contemporaneidade, e afirma: “Nunca foi tão aprofundado o processo de alienação humana posta sob a lógica do sistema do capital, que ideologicamente induzem o sujeito a ações em busca da felicidade individual, fazendo dessa a única meta da subjetividade, que se atribui um poder e um querer *sempre* associado a possuir, *sempre* em escala cada vez maior” (Mariani e Magalhães 2011). Voltaremos a este artigo mais adiante.

4 Como o estudo da Universidade de Harvard divulgado no site *Portal Brasil*, em abril de 2012, cuja apresentação foi feita com o seguinte título: “Pesquisa aponta felicidade e otimismo como fatores essenciais para saúde”. Segundo o estudo, “A felicidade e o otimismo podem ser um santo remédio para se manter uma vida saudável. A conclusão faz parte de uma pesquisa da Universidade de Harvard que apontou que o risco de ter problemas //39

O termo “felicidade” comparece como objeto de reflexão desde Platão, que segundo o filósofo Nicholas White, em sua obra *Breve história da felicidade* (2009), foi o primeiro teórico que lança o termo ao debate em seus escritos. White (2009) cita as duas obras em que a felicidade é tema de discussão, a saber, *Górgias* e *República*, e explica que se havia anteriormente um reconhecimento social dos conflitos vividos pelo homem em torno de desejos “plurais e conflitantes” (White 2009, 19), Platão foi o primeiro a sistematizar sobre tais questões em seus escritos.

O termo “felicidade”, no entanto, não se encerra em Platão. Como veremos adiante, esta ideia retorna, não somente na filosofia, como também em outros campos de saber, apontando para a historicidade que constitui a língua e que dá a ela uma forma material (Orlandi 2001a, 68).

Este é um percurso discursivo que nos interessa, sobretudo porque torna possível compreender os movimentos de sentido de “felicidade”, o modo como tal termo se desloca de uma formação discursiva a outra, formações discursivas que são opostas em suas concepções. Ao mesmo tempo, estudar sua constituição (memória) e circulação (atualidade) permite compreender como o termo “felicidade” vem aparecendo de maneira a produzir um efeito de naturalmente verificável, apreensível no discurso contemporâneo para se tornar, finalmente, possível, necessário, inclusive na relação de identificação possível que se faz com o Rio de Janeiro e com o sujeito carioca a ponto de tornar evidente este lugar discursivo.

Esse movimento na produção de sentidos do termo “felicidade” se relaciona às determinações históricas, já que, conforme explica Pêcheux (2009 [1975]), não há equivalência entre as formas ideológicas e

as formas que a ‘relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência’ toma não são homogêneas precisamente porque tais ‘condições reais de existência’ são ‘distribuídas’ pelas relações de produção econômicas, com os diferentes tipos de contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações (Pêcheux 2009 [1975], 74).

//38 de coração, pressão arterial e colesterol alto entre as pessoas mais otimistas é 50% menor do que em pessoas mais pessimistas e tristes”. Ao aliar felicidade, otimismo e saúde, produz-se o efeito de um rodeio proposicional que se encerra em uma vontade criadora do sujeito: para ser saudável, é preciso ser otimista; para ser otimista, é preciso ter bons pensamentos. Silencia-se uma questão social mais ampla que possibilite —ou não— ao sujeito ou não a perspectiva otimista. (Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/04/24/pesquisa-aponta-felicidade-e-otimismo-como-fatores-essenciais-para-saude>. Acesso em: 20 ago. 2013.)

Para compreender o funcionamento do imaginário que comparece nos veículos de comunicação que realizam e divulgam estas pesquisas, selecionamos duas matérias do site *GI*, que abordam a pesquisa realizada pela revista *Forbes*, em 2009, e a matéria da versão online do jornal *O Globo*, que fala sobre a pesquisa realizada com os cariocas. De tais matérias, estabelecemos, para fins de análise, o recorte das sequências discursivas, definidas por Mariani (1998), conforme Courtine (2009 [1981]), como “sequências lingüísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (Mariani 1998, 53).

Torna-se necessário também voltar-se à constituição do termo “felicidade” na história, compreender seus movimentos de sentido. É sobre esta noção que nos debruçaremos, sem a pretensão de exaurir o tema.

3. OS SENTIDOS DE “FELICIDADE”. A Análise de Discurso leva em conta a discursividade, ou seja, a “espessura lingüística e histórica da linguagem” (Orlandi 1998, 79). Desta maneira, o processo de textualização da felicidade é marcado por distintos funcionamentos ao longo das épocas. Muito desse percurso dos sentidos de felicidade e das concepções que lhe deram sustentação imaginária está trilhado na obra *A felicidade* (2011), resultado de um trabalho conjunto entre o sociólogo Domenico de Masi e o fotógrafo Oliviero Toscano. De Masi explica que o debate em torno desta noção entrelaça-se à própria história do homem e faz menção aos gregos como um discurso fundador da ideia de felicidade. Segundo o sociólogo, a ideia de felicidade no imaginário grego apontava para sentidos que escapavam de uma escolha e controle individual. A significação da felicidade para os gregos, consoante de Masi, filia-se a sentidos de uma outra ordem, uma ordem exterior, fora do (suposto) domínio do homem; daí ser a ideia de felicidade para os gregos um “capricho do acaso, do fado, do destino, dos deuses” (De Masi e Toscano 2011, 13).

Por estar intimamente relacionada à história de cada sujeito, sempre foi extremamente difícil definir com limites precisos do que seja de fato felicidade. Antes de prosseguirmos, é importante lembrar que a noção de sujeito, para a Análise de Discurso, é a do sujeito interpelado pela ideologia e dividido pelo inconsciente. O sujeito é constituído por dois esquecimentos que funcionam de modo a fazê-lo se crer enquanto origem do dizer (esquecimento nº1) e também sustentar a ilusão de que aquilo que diz só pode ser dito de uma determinada maneira (esquecimento nº2) (Pê-

cheux 1997 [1969], 104). Constituído por esses esquecimentos, tem-se um sujeito que é concebido na Análise de Discurso como posição, descartadas quaisquer relações com um sujeito empírico. Nesta concepção, na qual o sujeito é uma posição entre outras, ele se autoriza e é autorizado pelos rituais discursivos a dizer e a não dizer, sustentado por uma ou mais formações discursivas. As formações discursivas, funcionando de maneira opaca ao sujeito, permitem que o sujeito, em uma determinada conjuntura, a partir de sua inscrição em uma formação ideológica, de sua submissão aos aparelhos ideológicos e de sua filiação a uma determinada classe, deva e possa formular seu dizer envolto nesta trama ilusória de que aquilo que diz é fruto de um querer subjetivo (Pêcheux 2009 [1975]).

É desta maneira que os sentidos sobre a felicidade funcionam para o sujeito: enquanto uma evidência (ou não) no discurso, porque no atravessamento ideológico que o constitui, a felicidade poderá produzir diferentes sentidos.

Assim, a relação entre o lugar de onde o sujeito significa a felicidade e a felicidade tal como é significada e o modo como a felicidade é construída simbolicamente para o sujeito, é marcada por mudanças de sentido nas práticas históricas. Não faremos uma retomada histórica exaustiva para compreender os deslizamentos dos sentidos, já que aqui estão implicadas também diferentes constituições da forma-sujeito (Haroche 1992). Faremos nossa mobilização a partir dos discursos contemporâneos sobre a felicidade, em diferentes campos de saber, quando se tem a forma-sujeito capitalista (Orlandi, 2001b).

A forma-sujeito capitalista é diferente da forma-sujeito medieval. Nesta, consoante Orlandi, “a interpelação se dá de fora pra dentro e é religiosa”; naquela, “a interpelação do sujeito faz intervir o direito, a lógica, a identificação” (Orlandi 2001b, 104), de modo a tornar o sujeito capitalista

[...] livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinante (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo (Orlandi 2001b, 104).

É possível depreender, a partir da citação de Orlandi, que a forma sujeito capitalista (im)põe em cena uma vontade do sujeito na linguagem. Uma relação contraditória em que o sujeito tem a liberdade para tudo dizer e, ao mesmo tempo, é submetido às coerções que o responsabilizam

por tudo o que diz. O que o sujeito diz e o modo como diz passam a se inscrever no domínio de sua vontade; questões pragmáticas que (en)cerram o sujeito em seu discurso.

Esta mesma responsabilização do sujeito e(m) seu discurso produz movimentos em relação à noção de felicidade. A felicidade, a partir do efeito de liberdade e submissão do sujeito, compareceria então enquanto consequência dessa vontade do sujeito, desse desejo de liberdade e de ser feliz.

O trabalho de Mariani e Magalhães (2011) se debruça neste entrelaçamento entre o sujeito de desejo e a imagem de felicidade para analisar o enunciado “Eu quero ser feliz, eu não quero ter razão”, que circulou estampando camisetas nas praias de Maceió. Para tanto, as autoras abordam de maneira mais específica como as perspectivas psicanalítica e materialista, constitutivas da Análise de Discurso francesa, compreendem a entrada do sujeito na linguagem e como tais teorias delineiam este sujeito que, em sua história singular, está às voltas com a falta que constitui o sujeito, falta esta que permanece um enigma para o sujeito. Segundo Mariani e Magalhães (2011), a busca pela felicidade na contemporaneidade se instaura como lugar privilegiado do “ter tudo” por um sujeito filiado às redes de sentidos do discurso capitalista, que funcionam pela lógica do consumo. As autoras observam que o sujeito passa a ser detentor das vontades e o consumo passa a funcionar como imagem de felicidade relacionada ao consumo. Um processo de produção de evidências e cujo funcionamento Mariani e Magalhães explicam:

O efeito discurso do ‘eu quero X’ fica aliado ao ‘eu posso’, marca da ideologia do empreendedorismo tão em moda nas academias. Se o sujeito não conseguir é porque não é bom o suficiente no que pretende. Frente à possibilidade de angústia instaurada pelo fracasso, ao invés de se indagar sobre a perda, o sujeito se vê relançado pelo mercado e pela mídia em direção a outros objetos de consumo que possam trazer a felicidade (Mariani e Magalhães 2011, 137).

Nessa citação, as autoras destacam que no discurso capitalista, no qual se engendra uma relação imaginária entre felicidade e consumo, um dos efeitos é o desinvestimento do sujeito sobre seus fracassos, suas perdas, sobre aquilo que é da ordem do impossível. Cada nova investida do sujeito consumidor no consumo e na busca pela felicidade não é colocada em relação ao investimento anterior e os sentidos da felicidade, na promessa de perenidade, funcionam em um por-vir. Outro ponto relevante para nós e que é abordado pelas autoras relaciona-se aos sentidos sobre o

fracasso das investidas do sujeito, que passam a ser de responsabilidade do sujeito ao mesmo tempo em que este é impedido de significar tal fracasso, já que se relança ao consumo.

Diante destas considerações teóricas, uma questão comparece: De que modo o encaixe do termo felicidade no simbólico de diferentes áreas de conhecimento e sua circulação pode contribuir para a construção de um imaginário do sujeito carioca e do espaço urbano Rio de Janeiro? Sigamos adiante para termos condições de respondê-la.

A partir da psicanálise, Freud afirma, em *O mal-estar na civilização* ([1930] 1996), que a busca humana consiste em obter felicidade. Não sem conflitos, já que isso implica algumas metas, tais como uma experiência em que esteja ausente qualquer tipo de sofrimento em sintonia com experiências intensas e prazerosas. Segundo Freud, são nessas experiências que se faria presente a felicidade.

O autor define mais crítica e detalhadamente em que consistiria a felicidade:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (Freud 1996 [1930], 84).

A partir do fragmento acima, pode-se afirmar que, para Freud, são alguns episódios subjetivos de “satisfação repentina”, em relação de contraste com outros, que podem ser designados sob o rótulo de “felicidade”. É possível depreender, a partir da afirmação de Freud, que o homem não está preparado para viver permanentemente um estado de felicidade, caso contrário haveria um deslizamento para um outro, já que o sujeito compreende a felicidade na relação de contraste que estabelece com experiências subjetivas das quais não extrai satisfação.

É o movimento mesmo da existência, com momentos de tristeza, dúvidas, apatia, ou seja, aqueles que escapam da satisfação, que dão então “as cores, os tons” aos momentos considerados felizes. Sem esses momentos, não se conseguiria distinguir um estado do outro. De Masi (2011) explica que na teoria freudiana, o “amor erótico” seria uma maneira de se alcançar a felicidade, que deste modo vincula-se a um momento episódico e vinculada a uma experiência individual.

De Masi aponta que as práticas discursivas sobre a felicidade, que se restringiam a questões subjetivas, da ordem de um indefinível e incontornável em termos precisos (porque a oposição que se estabelece, segundo Freud, é definida pelas experiências do sujeito e, portanto, assim como as demais experiências, é da ordem do inconsciente), vão sendo deslocadas para outros campos de conhecimento no século XX. De Masi apresenta o estudo do psicólogo Abraham Maslow, intitulado *Motivation and personality* (1946), que explica o que se entende por bem-estar psicológico e como é possível chegar a ele. O sociólogo ressalta que Maslow “[...] está falando em bem-estar, e não em felicidade, porque no mundo econômico a palavra ‘felicidade’ representa um tabu” (De Masi 2011, 71).

De Masi prossegue em sua exposição e aponta que entre o final de 1960 e início de 1970, o debate em torno da felicidade começa a aparecer no campo da economia. O autor destaca três estudos, dois americanos e um inglês. O primeiro, de Richard Easterlin (1974), demonstra que na Califórnia as pessoas estavam cada vez mais ricas e obesas, mas continuavam insatisfeitas; o segundo, do inglês Andrew Oswald⁵, traz resultados de uma pesquisa da/na Inglaterra de 10 anos e 9 mil entrevistas e aponta para uma relação entre economia e felicidade, pois as crises econômicas afetam os sujeitos diretamente a ponto de se sentirem deprimidos. A inexistência desse quadro de crise, porém, não implica em um aumento no nível de felicidade. O terceiro estudo, do professor Daniel Kahneman⁶, de Princeton, estabelecendo uma relação entre situação financeira e felicidade, demonstra que quanto mais dinheiro uma pessoa possui, mais dinheiro ela deseja.

Os três artigos, de maneira geral, permitem depreender que em um dado momento do século XX tornou-se possível o comparecimento da ideia de felicidade ao campo econômico, pela relação com o poder aquisi-

5 Na obra *A felicidade*, De Masi não indica o ano do estudo a que faz referência. É possível, em busca pela internet, localizar alguns dos estudos de Oswald sobre a relação entre felicidade e economia. Um destes trabalhos é “Felicidade e desempenho econômico” (1997). (Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/economics/staff/academic/oswald/happpecperf.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2013.)

6 O sociólogo De Masi não indica o ano de publicação do referido trabalho de Kahneman. Em pesquisa na internet, contudo, encontramos uma matéria da revista *Exame* que destaca um artigo publicado por Kahneman em 1979, em coautoria com Tversky, para a revista *Science*. O título do trabalho é “Teoria do Prospecto: uma Análise das Decisões em Situações de Risco”. Nesse artigo, os autores apontam que o sentimento de desprazer em perder uma determinada quantia de dinheiro é maior do que o prazer em ganhar esta mesma quantia. (Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1018/noticias/nao-depen-da-da-intuicao-para-tomar-decisoes?page=2>. Acesso em: 21 ago. 2013.)

tivo. Como consequência, a felicidade se torna mensurável, passível de ser medida e calculada. Antes desses estudos, a representação da felicidade era interdita do campo dos estudos econômicos por ser “pouco científica” e pela impossibilidade de qualquer tentativa de medição. Como exemplo entre o que pode ser medido ou não, o sociólogo italiano De Masi (2011) compara a felicidade ao PIB (Produto Interno Bruto) e à inflação.

O movimento dos sentidos sobre a felicidade permitiu que, ainda em 1970, tivesse início no reino do Butão, com apoio do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) o desenvolvimento de um índice chamado de “Felicidade Interna Bruta”⁷, a FIB, índice esse que vem ganhando força e repercussão a ponto de ser utilizado no século XXI em outros países. No Brasil, ele vem sendo aplicado através de projetos desenvolvidos em várias cidades, entre elas Campinas (SP) e Bento Gonçalves (RS). No índice são integradas nove dimensões para medir esse estado de “felicidade”, a saber: bem-estar psicológico, uso equilibrado do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, resiliência ecológica, governança e padrão de vida. A FIB foi tema de debates no “Rio+20”.

É possível compreender que o termo “felicidade” é mobilizado de modo a se tornar um ponto verificável, mensurável. Além disso, passa a definir espaços e ações conjuntas e não mais atos individuais, trazendo consequências sobre o imaginário do que seja a felicidade: ela pode ser medida e pode ser verificada em grupos, em cidades, em nações, tornando homogêneas as condições que permitem que um sujeito ou uma nação possam ser adjetivados com o termo “felizes” e, por conseguinte, estabilizando os sentidos de felicidade.

4. O IMAGINÁRIO DO ESPAÇO E DO SUJEITO CARIOCA: UMA FELICIDADE DE NUNCA ACABAR. O percurso que traçamos acerca dos movimentos nos sentidos construídos sobre a felicidade aponta para o fato de que, na contemporaneidade, marca-se a cristalização deste termo enquanto passível de ser medido. E torna possível, desse modo, produzir textualizações⁸ a partir de

7 Disponibilizamos um dos sites que abordam o assunto: <http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>.

8 Orlandi (2001b) explica que a textualização traz os efeitos da materialidade discursiva. A autora afirma que “[...] a decalagem, distância não preenchida, o desvio que habita toda textualização do discurso marca uma relação que não é perfeitamente articulada em relação à discursividade” (Orlandi 2001b, 92). Desta maneira, prossegue a autora, a textualização é marcada por “vestígios” que iluminam algumas das direções de sentido que ancoram o sujeito em seu discurso.

índices de felicidade estabelecidos sobre o espaço urbano Rio de Janeiro, por exemplo. Tais medidas e textualizações constroem sentidos sobre a felicidade no espaço urbano e sobre os sujeitos que compõem este espaço, afetando, por sua vez, o imaginário construído.

Vejamos, a seguir, uma sequência discursiva que recortamos de matéria do G1 sobre a pesquisa que elege o Rio de Janeiro como a cidade mais feliz do mundo:

SD1 “Desde que Fred Astaire e Ginger Rogers apareceram no filme ‘Voando para o Rio’, em 1933, o mundo ficou fascinado com o Rio de Janeiro. O ideário popular da cidade é repleto de imagens de *juvems dançando* pela noite, tendo ao fundo as *montanhas e o mar*”, afirma a revista [*Forbes*] em seu site, sem esquecer de citar o *carneval* carioca (G1, online, 03/09/2009).

A (SD1) permite depreender uma textualização sobre o Rio de Janeiro que é construída a partir da identificação com um espaço em que a juventude dança em meio às montanhas e ao mar, forma que suplanta a representação de um espaço urbano. É uma representação imaginária que torna possível aliar o sujeito à natureza. Neste caso, fica em segundo plano uma representação de sujeito-de-direito (Lagazzi 1988), um sujeito constituído pelo atravessamento de direitos e deveres e a partir dos quais responde enquanto origem e causa em suas ações e dizeres. Este sujeito é silenciado (Orlandi 2002) no processo de textualização da pesquisa, e se produz um sujeito outro, um sujeito jovem, que atende unicamente aos apelos do cenário natural (“montanhas” e “mar”) que compõe o espaço.

Silencia-se também o espaço urbano, o que também produz sentidos. Conforme explica Orlandi, “o espaço significa, tem materialidade, e não é indiferente em seus distintos modos de significar, de enquadrar o acontecimento” (Orlandi 2009, 16; *itálicos da autora*). O “enquadrar”, para a autora, indica a determinação do espaço de significação, já que o modo como o sujeito transita pelo espaço se dá a partir de diferentes condições de produção, produzindo diferentes efeitos de “ambiência”. No caso da (SD1), a ambiência é a da juventude, dançante, em meio à natureza. Que sentidos estão aí discursivizados sobre o espaço urbano do Rio de Janeiro? Fedatto (2011) explica que “a história do saber não é desvinculada do espaço onde sua produção se efetiva nem das condições sócio-históricas que tornam possível (e muitas vezes imperiosa) a demanda por um determinado tipo de saber — e pelo objeto que ele constrói—” (Fedatto 2011, 21).

Desta maneira, é possível compreender que na produção do saber sobre a cidade do Rio de Janeiro, os processos discursivos que tornam possível produzir determinados sentidos relacionados a saberes sobre o espaço e silenciar outros sobre o espaço Rio de Janeiro, não escapam aos processos ideológicos. No presente recorte, espaço e sujeito são tratados enquanto “naturais”, em uma relação que produz o silenciamento da forma-sujeito capitalista, produzindo um efeito de evidência de um paraíso terrestre. Essa produção de evidências, porém, silencia também as intervenções do Estado em relação ao espaço e ao sujeito-de-direito, produzindo o efeito de uma intervenção outra, que por ser “natural” é de outra ordem que não a jurídica.

Nessa relação construída entre espaço e sujeito, três elementos são deslocados na pesquisa, conforme podemos ler em (SD2):

SD2 “O Brasil é associado a bom humor, a um bom estilo de vida e ao carnaval”, diz Anholt. “O carnaval é muito importante —é a imagem clássica que as pessoas têm do Rio, e é uma imagem de felicidade—”, afirma (G1, online, 03/09/2009).

O carnaval comparece na textualização recortada em (SD2) enquanto um elemento a mais na sequência metonímica “bom humor” e “estilo de vida”, formas que constroem esse cenário “feliz” do espaço urbano Rio de Janeiro. O carnaval compõe os domínios de memória sobre o Brasil e sobretudo sobre o espaço urbano Rio de Janeiro. Uma memória discursiva que faz com que carnaval signifique na formulação do dizer (Orlandi 2005) na relação com o espaço Rio de Janeiro e que funcione de acordo com as projeções imaginárias que estão em jogo, ou seja, pelos lugares que os sujeitos atribuem a si e ao outro na posição que ocupam ao dizer. O carnaval é da ordem de um acontecimento histórico (Dela Silva 2008), funciona discursivamente retomando a memória da festa, das danças, da reunião de grupos, da fantasia, da possibilidade da quebra da ordem social: discursividades silenciadas se tornam possíveis no período carnavalesco; os excessos, perdoáveis. É um acontecimento que permite afinal o rompimento com as ordens sociais vigentes.

O modo de textualização da imagem do carnaval na pesquisa sobre felicidade urbana produz sobre os sentidos de carnaval o efeito de uma festa que ultrapassa a representação de um evento ocasional, mas que constitui o espaço enquanto da ordem do cotidiano, em que sujeitos e corpos atuam livremente, naturalmente. Note-se que nesta representação, há um processo de silenciamento (Orlandi 2002), em relação à intervenção do

Estado, o que confere ao espaço urbano efeitos de sentidos míticos. De Masi também aponta essa relação entre dança e festa na relação com o corpo: “No Brasil, cada uma dessas coisas ganha leveza graças a uma perene disponibilidade e natural alegria, expressa pelo corpo, pela musicalidade e pela dança” (De Masi 2011, 119).

Foucault aborda as representações em jogo durante o carnaval em “*Michel Foucault par lui même*”⁹, filme que se concentra na discussão sobre a loucura. Para o autor francês, o surgimento das festas de carnaval possui estreita relação com o comparecimento do discurso da loucura no seio social. É possível compreender que durante o carnaval ocorre um processo de fissura discursiva no qual um determinado espaço e um determinado tempo deixam de produzir os processos de silenciamento quanto à circulação do discurso da loucura, que irrompe na cena espacial e funciona em sua materialidade significante como um avesso dos discursos hegemônicos. Neste ritual discursivo, a loucura circula enquanto possibilidade e necessidade, comparecendo enquanto uma “ordem do dia” e interrompendo uma ordem lógica da temporalidade. Nas palavras de Foucault:

A festa é, no fundo, a maravilhosa liberdade de estar louco e de achar no coração dessa cegueira a iluminação de todo um mundo que está em festa. Há muito tempo, desde a Idade Média aquilo que chamamos de missa da alma onde, um pouco antes ou depois, há a festa dos loucos, missa caricatural de figuras grotescas a saborear e a desejar, colocando por um dia o mundo ao imerso. Era como uma grande missa satânica, mais multicolor quando negra, mais mascarada e matizada que realmente secreta. Era já o carnaval (Foucault 2003).

Estabelecendo uma relação entre os sentidos produzidos pela (SD2) e pelo fragmento de Foucault, pode-se compreender a produção do equívoco.

Antes de prosseguirmos em nossa análise, apontemos o que este conceito significa para a Análise de Discurso. Segundo Orlandi (1998), na perspectiva discursiva o equívoco se afasta de sentidos comumente construídos sobre este termo, enquanto erro ou engano, para fazer emergir outras questões, pontos de deriva que se colocam em torno do sujeito e em torno da história. Se em relação à história o equívoco funciona ideologicamente como aquilo “que está presente por uma ausência necessária”

9 O documentário tem a direção de Philippe Calderon (França, 2003). (Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To>. Data de consulta: 15 abr. 2013).

(Orlandi 1998, 82), em relação ao sujeito o equívoco coloca em questão o inconsciente. História e sujeito: Instâncias que, conforme se depreende, apontam para o inevitável, para aquilo que funciona explodindo o discurso em sua ilusão de homogeneidade e fazendo eclodir a ilusão do sujeito do controle de seu discurso.

Apontamos o equívoco como aquilo que faz irromper sentidos outros sobre o carnaval, considerando o que está posto e o que está silenciado na (SD2). Se de um lado, tal sequência discursiva constrói sentidos em torno do carnaval como imagem “clássica” do espaço urbano Rio de Janeiro, por outro lado, a descrição do carnaval empreendida por Foucault (2003) aponta para uma representação da loucura que irrompe em uma “festa dos loucos”, uma “missa caricatural”, em que a lógica do mundo se coloca em suspenso por um determinado tempo. Explicando de outra maneira, os discursos que colocam a dança enquanto ritual constante no espaço urbano Rio de Janeiro produzem o silenciamento de que esta mesma festa é marcada por rituais nos quais se faz possível circular em um determinado espaço, por um tempo determinado, sentidos negativados e marginalizados socialmente, bem como colocar em suspenso sentidos hegemônicos.

Já na pesquisa de 2013, apresentada pelo jornal *O Globo*, a relação de sentidos entre a felicidade e o espaço Rio de Janeiro é construída a partir do discurso dos cariocas e se tem uma mudança na produção na significação quanto aos motivos que justificariam às razões para a felicidade. Vejamos a sequência:

SD3 E o principal motivo da alegria entranhada nas ruas, praças, praias e montanhas é... o próprio carioca, de acordo com 51% dos entrevistados. *Carnaval* (48%), *praias* (41%), *sol* (29%) e *futebol* (22%) são outras razões citadas (*O Globo, online*, 02/03/2013).

Se na pesquisa de 2009, promovida pela revista *Forbes*, a produção de efeitos de sentidos apontava o carnaval enquanto ideário das identificações construídas entre espaço urbano e sujeito, é a posição sujeito cidadão carioca quem ocupa, neste outro processo de textualização, a principal razão que torna possível adjetivar o espaço urbano Rio de Janeiro com o termo “feliz”. Nesta discursividade, a posição sujeito, o carioca comparece enquanto portador de uma vontade de ser feliz, enquanto origem e causa de si da “alegria entranhada nas ruas”.

Esta determinação do sujeito carioca alegre, e, por extensão, feliz em sua essência, relaciona-se à via capitalista que Pêcheux (2012 [1979], 80-

81) adjetiva como “americana”. Nessa via do modo de produção capitalista, o sujeito de direito é construído discursivamente enquanto “produtor independente”, em que se torna “ele próprio progressivamente comerciante e capitalista”. Segundo Pêcheux (2012 [1979]), é produzido o efeito de uma liberdade individual e do *self-government*, ou seja, do homem que governa a si mesmo. Na relação estabelecida discursivamente entre o aparelho político e o aparelho escolar, as práticas discursivas naturalizam o sujeito de direito e suas ações enquanto consequências que dependem unicamente de sua própria vontade, produzindo uma relação causal entre o desejo de querer e a possibilidade (segura) de conseguir aquilo que se deseja, responsabilizando unicamente o sujeito pelo sucesso ou fracasso nesta empreitada, pois sustentada pelo imaginário de que a vontade do sujeito move e sustenta o resultado. Neste processo de produção de evidências, a ideia de felicidade também passa a significar pela relação estreita que se estabelece pelas tomadas de posição individuais, colada aos sujeitos pelo efeito de sentido da ilusão de liberdade do discurso capitalista da via americana (Pêcheux 2012 [1979]).

Na pesquisa do *GI* há outra mudança em relação à discursividade dos recortes empreendidos a partir da pesquisa de 2009, da *Forbes*. Na discursividade dos sujeitos cidadãos cariocas sobre a felicidade no/do espaço Rio de Janeiro, o processo de textualização produz uma tensão em que estão em jogo o espaço urbano, a (não) presença do Estado e a (re)ação do sujeito. Vamos compreender melhor como essas relações se estabelecem trazendo outras sequências discursivas:

- SD4 O carioca se apropria do Rio, dá o molho, é a alma da cidade. O corpo sem alma não brilha. Nunca daria certo trocar os moradores do Rio por paulistas ou parisienses, a cidade ficaria mais regrada, *sem a bagunça que encanta* —defende o administrador de empresas Joaquim Monteiro, de 32 anos, um dos fundadores do movimento Rio Eu Amo Eu Cuido—.
- SD5 O carioca nunca teve problemas com a autoestima. Pelo contrário, *sempre se amou tanto que não via problemas na cidade. Por pensamentos acomodados como “O trânsito está horrível, mas veja o Pão de Açúcar pela janela”, o morador da cidade não conseguia partir para a ação*, para a transformação. Na pesquisa, *observamos que os tempos são outros e, com a nova perspectiva, a euforia é ainda maior*. O mundo está apaixonado pelo Rio. E o carioca está se achando...
- SD6 *Posso estar revoltado, mas quando vejo, da minha laje, o sol nascendo atrás das Ilhas Cagarras, todos os problemas desaparecem*.
- SD7 A Central mexe comigo, gosto de ver aquele monte de gente indo ou voltando do trabalho, o movimento dos trens. *Daqui de cima também observo a Zona Sul, os cartões-postais. O Rio é uma cidade de contrastes, mas não é mais uma cidade partida, diria que é uma cidade cerzida*.

SD8 Fiz novos amigos e conheci pessoas que viraram referência para mim. *A pacificação fez de mim uma carioca mais feliz.*

As sequências discursivas produzem o efeito de uma felicidade possível em virtude do “enquadramento” (Orlandi 2009) do sujeito carioca em relação ao espaço urbano do Rio de Janeiro. Esses sentidos são produzidos considerando-se os processos de textualização das sequências discursivas, que apontam para os diferentes efeitos de sentidos na relação entre o sujeito cidadão carioca com o espaço urbano. De um lado, o espaço em seus efeitos de ambiência (Orlandi 2009) é significado positivamente pelo carioca: *bagunça que encanta, cartões postais*; em outro, temos o espaço significado negativamente: *O trânsito está horrível.*

O espaço natural também se faz presente na discursividade do carioca enquanto um dizer possível e necessário sobre o Rio de Janeiro, já que ele atua na relação de ambiência do sujeito carioca com o espaço urbano, como na (SD5) —*O trânsito está horrível, mas veja o Pão de Açúcar pela janela*— e na (SD6) —*quando vejo, da minha laje, o sol nascendo atrás das Ilhas Cagarras todos os problemas desaparecem*—; nestas SDs, temos dois elementos da natureza que suplantam problemas do espaço urbano (a lentidão do trânsito) bem como atuam enquanto elemento apaziguador dos conflitos do sujeito que podem ou não se aliar aos efeitos de ambiência, posto que podem colocar questões de outra ordem (subjetivas, por exemplo) em um segundo plano.

É possível depreender, a partir dos recortes, que o espaço urbano comparece no discurso do sujeito carioca, ou seja, não é silenciado como no discurso da pesquisa da revista *Forbes*, de 2009. O espaço natural, por sua vez, atua enquanto um elemento a mais do espaço urbano e que se faz presente discursivamente à medida que comparece como condição no enquadramento do sujeito carioca. Em outras palavras, são as condições de produção do sujeito em seus efeitos de ambiência (Orlandi 2009) o que possibilita o dizer sobre o espaço natural na sua relação com o espaço urbano.

No discurso do carioca sobre o Rio, o Estado comparece em uma relação de presença-ausência: os recortes apontam uma regularidade em relação à ausência do aparelho de Estado, como em *“a cidade ficaria mais regrada”, “sem a bagunça que encanta”, “[o carioca] sempre se amou tanto que não via problemas na cidade”, “Posso estar revoltado”, “O Rio é uma cidade de contrastes”*. Nestas sequências, a felicidade é significada

como um contraponto resultante de uma vontade individual àquilo que o espaço urbano lhe oferece, possibilitando, desse modo, a recorrência ao espaço natural enquanto o que permite a felicidade. O Estado se faz presente pela sua ausência, pela falta da intervenção que marca a cidade: as ruas, que impedem um fluxo mais dinâmico, os prédios, que funcionam enquanto denúncia marcada dos contrastes do espaço urbano. Deste modo, trazendo a reflexão desenvolvida por Fedatto (2011), as ruas e os prédios, por exemplo, se tornam produções simbólicas do espaço urbano e produzem seus efeitos.

Na (SD8) há uma discursividade que aponta para a presença efetiva do Estado no espaço urbano através do processo de pacificação. A pacificação comparece nesta sequência discursiva enquanto condição possível à felicidade do sujeito pela relação que se estabelece: “*A pacificação fez de mim uma carioca mais feliz*”. Conforme explica Orlandi, citando Pêcheux, a língua é um “sistema sintático intrinsecamente passível de jogo” (Orlandi 1998, 81). Neste processo, o termo *pacificação* traz suas fissuras e se opacifica. Na memória construída pela mídia a respeito da pacificação do/no Rio de Janeiro, uma questão não cessa de se inscrever: quem foi pacificado, o espaço urbano ou um determinado grupo que compõe este espaço? A pacificação de um grupo implica então ao pertencimento ao espaço urbano?

Na relação de sentidos produzidos sobre o espaço urbano na relação com a presença-ausência do Estado, há uma imagem de sujeito carioca que comparece no discurso. Compreendemos que a representação do sujeito carioca se faz no jogo discursivo entre o espaço urbano que o constitui e a presença/ausência do Estado. No discurso, porém, essa representação ocorre por diferentes textualizações. Em “*nunca daria certo trocar os moradores do Rio por paulistas ou parisienses, a cidade ficaria mais regrada, sem a bagunça que encanta*” a imagem do sujeito é a de um sujeito empírico, apagando-se as condições que tornaram possível que a organização e o fluxo do espaço urbano pudessem ser adjetivados enquanto “bagunça”; a mudança do espaço se daria a partir de uma substituição por outros sujeitos (adjetivados como parisienses e paulistas), o que produz o silenciamento da (não) intervenção do Estado em relação ao espaço urbano e, desse modo, atribui-se a “bagunça” enquanto responsabilidade exclusiva do sujeito carioca.

Ainda analisando esse funcionamento, retomemos a (SD5): “[o carioca] *sempre se amou tanto que não via problemas na cidade. Por* pensamentos

acomodados como ‘*O trânsito está horrível, mas veja o Pão de Açúcar pela janela*’, o morador da cidade não conseguia partir para a ação, para a transformação. Na pesquisa, observamos que os tempos são outros e, com a nova perspectiva, a euforia é ainda maior”. Podemos compreender que o espaço natural é alçado no discurso enquanto uma compensação dos problemas cotidianos do espaço urbano. O espaço natural atua enquanto um contraponto argumentativo diante dos efeitos de ambiência: há os problemas do espaço urbano, *mas...*

Em (SD5), o espaço natural comparece discursivamente enquanto o que torna possível deixar o sujeito cidadão carioca sem reação frente aos obstáculos e desafios impostos por paralisá-lo em um estado de felicidade. Nessa condição, o momento histórico que se apresenta, com os grandes eventos que estão por acontecer neste espaço, segundo o recorte, motiva ainda mais o sujeito carioca a se filiar à representação de felicidade. Deixa-o, portanto, mais acomodado diante dos problemas que espaço urbano que o constitui apresenta? Ou nesse jogo está inscrito de antemão o espaço natural como aquilo que tudo compensa? Estas são algumas questões que esta sequência deixa em suspenso.

5. APONTAMENTOS DISCURSIVOS FINAIS. Para analisar o processo de produção de sentidos a partir de duas reportagens que falam sobre pesquisas que indicam a felicidade no e do Rio de Janeiro, nosso percurso buscou apontar algumas das condições de produção sobre a ideia de felicidade assim como algumas das condições de produção que possibilitaram a formulação de circulação, na contemporaneidade, de uma discursividade a partir da imagem de que é possível quantificar os níveis de felicidade individual e/ou de um espaço urbano. Nossas análises permitiram compreender, por exemplo, algumas das imagens que sustentam uma relação direta entre a ideia de felicidade e o espaço urbano Rio de Janeiro.

Para além das imagens em jogo, do comparecimento do equívoco, das formações discursivas em confronto, o comparecimento de pesquisas que têm como proposta apresentar índices numéricos de felicidade coloca em questão os sentidos que estão sendo construídos sobre o termo “felicidade”.

O que se pode concluir, a partir do que desenvolvemos ao longo deste trabalho, é que a felicidade circula na contemporaneidade enquanto uma prática discursiva, ou seja, enquanto uma “prática simbólica” (Orlandi 2001a, 71) fortemente filiada ao discurso capitalista, cuja construção se

dá discursivamente na relação com o consumo. Prática discursiva que funciona coercivamente, pois mobiliza um rodeio proposicional a partir do qual o sujeito está às voltas com obrigações, entre elas: a obrigação de ser feliz; a obrigação de consumir para ser feliz; a obrigação de ser feliz por consumir.

Do mesmo modo, os processos de produção sobre a ideia de felicidade na relação com um espaço urbano fazem com que seja construída uma imagem de felicidade sobre o espaço urbano, que em sua cristalização aponta para sentidos de homogeneidade e estabilidade. Neste processo de significação, os sujeitos também passam a ser instados a ocupar este lugar construído discursivamente. Assim, ao contrário do fragmento que selecionamos do filme *O corte* e que apresentamos no início do trabalho (“Eu estava no país do sorriso obrigatório, mas tinha esquecido como sorrir”), não se pode esquecer de sorrir, não se pode deixar de sorrir.

BIBLIOGRAFIA

- Courtine, Jean-Jacques. 2009 [1981]. *Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar.
- Dale, Joana. 2013. “Pesquisa exclusiva revela que 75% dos cariocas consideram o Rio uma cidade feliz.” *O Globo*, 3 de março. Data de consulta, 15 de abril de 2013.
<http://oglobo.globo.com/rio/pesquisa-exclusiva-revela-que-75-dos-cariocas-consideram-rio-uma-cidade-feliz-7713601>
- De Masi, Domenico e Oliviero Toscani. 2011. *A felicidade*. Traduzido por Maria Margherita de Luca. São Paulo: Globo.
- Dela-Silva, Silmara. 2008. “O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia”. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Fedatto, Carolina Padilha. 2011. “Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira”. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Freud, Sigmund. 1996 [1930]. “O mal-estar na civilização”. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, traduzido do alemão e do inglês por Jayme Salomão, 67-148. Rio de Janeiro: Imago.
- G1. 2009. “Rio de Janeiro é a cidade mais feliz do mundo, segundo ranking da Forbes”. 3 de setembro. Data de consulta: 13 de abril de 2013.
<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MRP1291556-5606,00.html>
- Haroche, Claudine. 1992. *Fazer dizer, querer dizer*. Traduzido por Eni P. Orlandi. São Paulo: Hucitec.
- Lagazzi, Suzy. 1988. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes.
- Lauriano, Carolina e Rodrigo Vianna. 2009. “Cariocas gostam de título ‘cidade mais feliz do mundo’, mas veem problemas”. *G1*, 4 de setembro. Data de consulta, 13 de abril de 2013.
<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MRP1292060-5606,00.html>

- Mariani, Bethania. 1998. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp.
- Mariani, Bethania e Belmira Magalhães. 2011. "Eu quero ser feliz". O sujeito, seus desejos e a ideologia". Em *Memória e história na/da Análise do Discurso*, organizado por Freda Indurski, Solange Mittmann e Maria Cristina L. Ferreira, 125-141. Campinas: Mercado de Letras.
- Orlandi, Eni. 1998. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.
- . 2001a. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- . 2001b. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- . 2002. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp.
- . 2005. "Michel Pêcheux e a Análise de Discurso." *Estudos da Língua(gem)* 1: 9-13. Data de consulta, 24 de agosto de 2013.
<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>
- . 2009. "Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade". Em *O discurso na contemporaneidade: Materialidades e fronteiras*, organizado por Freda Indursky, Maria Cristina L. Ferreira e Solange Mittmann, 13-28. São Carlos: Claraluz.
- Pêcheux, Michel. 1997 [1969]. "Análise Automática do Discurso (AAD-69)". Em *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizado por François Gadet e Tony Hak e traduzido por Bethania Mariani. Campinas: Editora da Unicamp.
- . 2009 [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp.
- . 2012 [1979]. "Foi 'propaganda' mesmo que você disse?" Em *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*, traduzido e organizado por Eni Orlandi, 73-92. Campinas: Pontes.
- White, Nicholas. 2009. *Breve história da felicidade*. Traduzido por Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola.

Bethania Mariani

Universidade Federal Fluminense
bmariani@terra.com.br

Fernanda Luzia Lunkes

Universidade Federal Fluminense
flunkes@gmail.com

Trabajo recibido el 31 de agosto de 2013 y aprobado 5 de noviembre de 2013.